

MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino Lucá (Org.) *O pentecostalismo globalizado*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015.<sup>1</sup>

Victor Breno Farias Barrozo<sup>2</sup>

O livro *Pentecostalismo Globalizado*, constitui-se de um projeto internacional sobre pesquisas acerca do crescimento e dinâmica dos pentecostalismos em diversas áreas do mundo. Organizado pelos professores Alberto Moreira (PUC Goiás/Brasil) e Pino Trombetta (Universidade de Bolonha/Itália), o texto reúne uma coletânea de artigos produzidos por autores de 16 nacionalidades diferentes, bem como também de perspectivas teóricas distintas, mas, interessados igualmente em compreender questões relacionadas à expansão pentecostal, as redes e circuitos dos fluxos migratórios, as interações entre as igrejas pentecostais e as outras igrejas e religiões, bem como também as relações entre àqueles e a esfera da política e das culturas locais, numa sociedade globalizada. Uma primeira versão deste livro foi publicada originalmente em italiano sob o título de *Cristianesimi senza frontiere: le chiese pentecostale nel mondo* (2013) e, em sua recente publicação no Brasil, trás uma edição ampliada, contendo dados atualizados sobre o campo pentecostal nacional.

No primeiro capítulo, temos o texto de Pino Trombetta por título *Religião sem fronteiras: o crescimento do pentecostalismo*. Neste artigo, o autor discutirá, a partir de uma série de problemáticas (como mídia, desenvolvimento econômico, religiosidade popular e espaço público) e

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 07 de maio de 2016 e aprovado em 17 de julho de 2016 com base na avaliação dos pareceristas ad hoc.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Mestre e especialista em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

das contribuições levantadas ao longo da coletânea, questões referentes à situação e dinâmicas dos pentecostalismos em escala global. Estes podem ser classificados de diversas formas (histórico, institucional, geográfico, teológico) na diversidade de suas características locais e em outros países. Para Trombetta, o crescimento do pentecostalismo se deve tanto à estrutura do mercado religioso, quanto a capacidade de fornecer demandas não atendidas pelos outros cristianismos. Como movimento desde a origem global, o pentecostalismo torna-se altamente adaptável a vários contextos e questões específicas, dando apoio a construção das identidades sociais, conjugando as dimensões locais e globais, e que encontra-se no fluxo de transnacionalização global em expansão na atualidade.

*El pentecostalismo en América Latina* é o texto seguinte, escrito pelo antropólogo Ari Pedro Oro e pelo sociólogo argentino Hilario Wynarczyk. A partir da década de 50, o pentecostalismo cresce de maneira exponencial a ponto de transformar a paisagem religiosa do continente, dissociando a relação sinônima entre “catolicismo e cristianismo”, para uma nova identidade. Estruturalmente o pentecostalismo latino-americano é um caleidoscópio evangélico que, muito embora sua a sua diversidade, pode ser compreendido em sua unidade – desde que não se perca de vista as apreensões das lógicas culturais que este vai assumindo. A incidência pública do pentecostalismo também é problematizada, desde uma orientação de um abstencionismo político, passando por um pragmatismo de intercâmbios prebendários, até uma forma de protesto cívico pela igualdade religiosa. Assim, o crescimento do pentecostalismo na América Latina estaria associado à existência de um contexto favorável gerado por processos de segregação social, para as quais, este oferece um discurso que atenda aos interesses religiosos e materiais, por meio de uma ênfase na atuação sobrenatural, em sintonia com elementos da cultura.

No artigo *Expansão, diversificação e transformação do pentecostalismo no Brasil* dos pesquisadores Ricardo Mariano e Alberto Moreira, os autores trabalharam o processo de implantação e

desenvolvimento do pentecostalismo em solo brasileiro, bem como também seu crescimento numérico em perspectiva comparada, acompanhando o movimento de diversificação e pluralização interna ao longo dos últimos anos. Também, são discutidas as leituras teóricas e empíricas convencionais sobre sua expansão, estratégias evangelísticas e estruturais na organização institucional e de certos elementos teológicos, num cenário marcado pelo mercado religioso. Coloca-se o tema do pentecostalismo no espaço público, a questão das mudanças com relação as posturas diante a política e suas controvérsias, e por fim, pensando sobre as transformações em diversas áreas (teológico, ético, político). Problematisa-se acerca de como certos elementos, como a secularização e o pluralismo, configuram um quadro complexo dos pentecostalismos no Brasil em suas relações com as dinâmicas globais da atualidade.

O quarto capítulo, *Cristianismo Pentecostal: nova face da Igreja Católica*, de Brenda Carranza, empreende um percurso sobre o processo da chamada “pentecostalização” do catolicismo, seus números e dinâmicas constituintes. Para tanto, Carranza tomará a transformação do catolicismo pelo movimento de renovação carismática sobre quatro elementos. A ideia de um catolicismo midiático, de inspiração do *gospel* protestante, que articula o mercado de consumo com as novas demandas de atualização eclesial. Depois a questão de como o carismatismo altera e influencia uma nova geração sacerdotal, tendenciando a hegemonia do modelo renovado no interior dos quadros institucionais da igreja. Também, a reformulação comunitária da igreja por meio das novas comunidades portadoras de uma “recatolização”. E como o movimento da Renovação Carismática Católica vai projetando institucionalmente à imagem de um “catolicismo à moda brasileira”. O movimento carismático, em pleno crescimento e expansão no interior da Igreja Católica aponta para um tipo de “salvação” para cristianismo ocidental e um “alívio” para o catolicismo latino.

O quinto texto é do sociólogo africano Matthews Ojo onde trabalha os *Movimentos pentecostais e carismáticos na África contemporânea*.

Tomando os movimentos de renovação a partir da década de 1970, especialmente na Nigéria e na África Ocidental, o autor destacará que o sucesso do pentecostalismo neste continente está atrelado a capacidade de minimizar as contradições impostas pelo mundo moderno, de forma a que os indivíduos pentecostais consigam negociar e encontrar soluções para os problemas da vida urbana (deslocamento social, pobreza, extrema centralização do Estado). A qualidade dos movimentos de renovação estaria justamente no fato de se apresentar como um centro alternativo de poder para solucionar as necessidades humanas. Ojo discutirá a respeito das três correntes do pentecostalismo na Nigéria (pentecostais clássicos, igrejas nativas, e renovação carismática universitária), também sobre uma tipologia destes movimentos (buscadores da fé, construtores da fé, transformadores da fé, reformistas, igrejas da libertação e modernistas), também a respeito de suas características essenciais e sobre as ênfases doutrinárias e práticas dos pentecostalismos na África.

Annalisa Buttici, socióloga italiana, trabalhará em seu capítulo *O Deus de Davi: música e dança na tradição pentecostal africana* sobre o aspecto festivo e performático da estrutura oral pentecostal que se expressa pela experiência musical com uma das formas pelas quais as igrejas integram uma teologia do testemunho, da liturgia, nas orações e danças articulando corpo, mente e cura. Buttici trabalha o gênero musical do *gospel* no desenvolvimento histórico do pentecostalismo na Nigéria e Gana, seus significados e papéis com relação ao contexto litúrgico e do contexto social dessas igrejas. Mostra como houve um percurso criativo que, em tensão e reinvenção da ritualidade das religiões e culturais tradicionais locais, se desenvolveu até tornar-se a expressão mais forte da espiritualidade carismática. Negociando a mensagem cristã com a cosmologia africana, com a cultura indígena e o mercado global da música, o movimento pentecostal africano configurou uma expressão litúrgica centrada no louvor e nas orações, musicalmente mediadas.

Na sequência, temos o texto *Pentecostalismo no cristianismo chinês: um breve estudo sobre a China, Hong Kong, Taiwan e a comunidade imigrante nos Estados Unidos*, da socióloga Joy Kooi-Chin Tong. O pentecostalismo na China chegou já nos primeiros anos do século XX a partir de missionários que foram tocados pelo avivamento da Rua Azusa em Los Angeles. Ao longo do texto, Tong mostra como as igrejas pentecostais de natureza independentes e nativas, formataram uma parte significativa do cristianismo chinês, contribuindo para este de algumas formas: em razão da sua semelhança com a religiosidade popular tradicional e ao aspecto sobrenatural da espiritualidade, teve maior facilidade na criação de igrejas nativas, pelo estilo igualitário da experiência pentecostal entre os indivíduos e através das atividades expansionistas, de evangelização e cura pelo país. Também destaca-se o crescimento e influência do pentecostalismo entre as comunidades chinesas de Taiwan, Hong Kong e na comunidade imigrante dos Estados Unidos, através de uma rede transnacional de igrejas pentecostais que favorecem o contínuo crescimento do pentecostalismo no interior do cristianismo chinês.

*Pentecostalismo e desenvolvimento econômico entre empreendedores pobres em Bangalore, na Índia*, é o capítulo da pesquisadora Rebecca Shah. Através de um estudo histórico sobre as origens e desenvolvimento do pentecostalismo na Índia e etnográfico com mulheres pentecostais *dalits*, pobres e marginalizada nas periferias de Bangalore. Segundo a autora, o crescimento do pentecostalismo na Índia se deu em duas direções, ambas de maneira estratificada seguindo à lógica de castas da cultura hindu. Uma igreja segmentada para a classe média urbana, com um estilo ocidental de liturgia, uma teologia voltada à ascensão social proposta nas sociedades modernas, estruturadas como *megachurchs*. E por outro lado, o “movimento pentecostal fachada de loja” que seria um pentecostalismo presente nas favelas, como microunidades autossustentáveis e independentes e que abrigam a maior parte dos *dalits* convertidos. Tomando o caso das mulheres *dalits*, Shah

demonstra como as igrejas pentecostais funcionam como fonte de empoderamento de liberdade social e econômica, bem como constitutivo para a construção das identidades pessoais e sensação de bem-estar, diante de uma realidade opressora e marginal.

O teólogo Richard Burgess e o antropólogo Kim Knibbe, trabalham em seu texto *Pentecostalismo na Europa: um esboço da dinâmica* como se da a incidência do crescimento das igrejas pentecostais e carismáticas migrantes em países europeus e de que maneiras estes têm contribuído à sociedade civil e como rede de apoio a populações imigrantes. Estas igrejas de caráter transnacional, operam na maior parte delas com a chamada “missão reversa”, um tipo de uma agenda de re-evangelizar das sociedades ocidentais. Apresentando um panorama do desenvolvimento destas igrejas pentecostais migrantes (destacam-se as igrejas coreanas, brasileiras e africanas), os autores destacaram seu processo de inserção junto à paisagem religiosa europeia, a questão das relações ecumênicas e as diversas controvérsias levantadas por tais igrejas. De uma forma em geral, as igrejas pentecostais e carismáticas tem constituído um vetor de crescimento do cristianismo na Europa, levando a pensar suas relações no espaço público europeu bem como entre as igrejas tradicionais já antes estabelecidas.

O décimo capítulo leva o título de *Uma igreja pentecostal goiana na Bélgica: a Videira e as contradições da evangelização pela imigração* da antropóloga Elizabeth Mareels. Neste texto, a autora realiza um estudo etnográfico sobre a inserção e desenvolvimento de uma comunidade pentecostal, a *Videira – Igreja em células* de Goiânia, composta de imigrantes originalmente a procura de melhores condições de vida na Bélgica. A partir de uma descrição histórica sobre as migração e pentecostalismo brasileiro na Bélgica e a presença do campo pentecostal brasileiro em Bruxelas, Mareels destacará os processos de institucionalização desta igreja, suas relações de poder, sua estrutura de liderança, as dissidências, conflitos com outras denominações já estabelecidas, entre outras. Tais questões permitiram pontuar o fato da

dinâmica migratória como elemento central, em detrimento das estratégias institucionais, sobre a organização e ação desta igreja no cenário belga.

O sociólogo italiano Enzo Pace, em seu artigo, *Pentecostais na Itália*, busca apresentar um quadro panorâmico das igrejas pentecostais protestantes e da renovação carismática católica, a partir de uma descrição qualitativa e quantitativa dos pentecostalismos no mundo e em perspectiva comparada com a Itália. Reconhecendo a complexidade e as singularidades das expressões pentecostais e tomando a noção de movimentos “renovacionistas”, Pace proporá uma tipologia destes: os pentecostais, os neocarismáticos e os “empresários do espírito”, discutindo também sobre as principais denominações que compõem o campo pentecostal italiano. Segundo ele, os pentecostalismos na Itália se devem em grande medida ao fluxo migratório oriundos da Ásia, América Latina e África sub-saariana, transplantadas para terminais periféricos de um pentecostalismo globalizado. Pace colocará que estas igrejas pentecostais tendem a alterar o cenário religioso dos países tradicionalmente católicos, como a Itália, com uma espiritualidade mais emocional e carismática, com fronteiras menos rígidas entre religião e magia, como próprias das formas de devoções populares.

No capítulo treze, temos o trabalho do sociólogo Michael Wilkinson sobre o *Pentecostalismo na América do Norte*. O presente texto, se detém inicial em dispor uma visão histórica e índices estatísticos dos pentecostalismos nos Estados Unidos, no Canadá e no México. A partir de uma revisão crítica das leituras sociológicas convencionais do pentecostalismo que o associavam à privação e ideia de sectarismo, Wilkinson, estabelecerá um diálogo entre a chamada teoria do mercado e a teoria da globalização, buscando identificar nos primórdios do pentecostalismo algumas influências não norte-americanas, o fenômeno da criação de redes sociais globais e o crescimento da diversidade cultural do pentecostalismo em função dos fluxos migratórios, particularmente entre África, Ásia e América-Latina. Com rápido processo de

institucionalização, com divisões raciais, e diversidade teológica e eclesiológica, o pentecostalismo ressalta o evento central do reavivamento da Rua Azuza. O pentecostalismo norte-americano nasce e se desenvolve-se como um movimento renovacionista formado por contextos locais e outras redes religiosas (como o movimento metodista – *holiness*) estruturados em torno das noções de restauracionismo, pragmatismo e carisma. O autor conclui apontando novas perspectivas de interpretações no pentecostalismo no horizonte dos processos de migração e redes globais atuais.

O último capítulo desta coletânea leva por título *Pentecostalismo e Protestantismo* do pesquisador Paolo Naso. Considerando as complexas relações entre protestantismo histórico e pentecostalismos – entre o diálogo ecumênico e a acirrada competição – Naso destacará que a pluralidade das expressões pentecostais a coloca numa “encruzilhada” esugere a leitura dessa dinâmica em duas perspectivas: de um lado, a constituição do que ele chama de uma tendência a um pentecostalismo “neoreformado”, que valoriza e fortalece suas ligações teológicas com a Reforma Protestante, articulando uma dogmática reformada com uma espiritualidade carismática e, por outro lado, o pentecostalismo mais sincrético, não-denominacional, que vai se constituindo mais experimental que dogmático e flexível em suas formulações que ele define como “pós-reformados” agindo na direção de um “quarto Cristianismo”, carismático, miraculoso e híbrido. Para o autor, esse pentecostalismo seria em natureza “pós-moderno e pós-protestante”.